

A Porta do Formigueiro

Hélio Abreu Filho. www.helioabreufilho.com.br

Naquela primavera, o parque parecia não conhecer o inverno. As árvores se cobriam de folhas novas, as flores disputavam a luz e, nos fins de semana, as famílias deixavam sobre a relva pequenas migalhas de seus piqueniques. Para as formigas, aquilo era uma oportunidade de trabalho. Para a Cigarra, era sobretudo uma boa ocasião de cantar.

E cantava de verdade. Do alto de um ramo, com sua pequena viola, inventava melodias que acompanhavam o vento e davam outra cadência ao movimento das criaturas. Algumas formigas trabalhavam até mais animadas quando ouviam sua música. A Cigarra percebia os sorrisos, recebia os cumprimentos e se sentia feliz. Não era uma inútil; havia beleza no que oferecia. O que ainda não sabia era cuidar da própria vida quando a beleza das estações mudasse.



Numa manhã, a Formiga parou junto à árvore com uma folha maior que o próprio corpo. Descansou a carga e ficou ouvindo até o fim da canção.

- Tens um belo dom — disse. — Mas já pensaste no que farás quando chegar o frio?
- Ainda falta muito — respondeu a Cigarra, afinando uma corda. — Tenho tempo.
- O tempo também trabalha, mesmo quando não percebemos.

A Cigarra sorriu, e a conversa terminou sem discussão. A Formiga retomou seu caminho. Não desprezava a música, mas conhecia o peso das estações. A Cigarra, por sua vez, admirava a perseverança das vizinhas, embora lhe parecesse triste gastar dias tão luminosos carregando sementes.

No verão, chegaram mais visitantes ao parque. As formigas se organizaram em filas para recolher o alimento disponível. Uma carregava, outra abria caminho, outra verificava as reservas. A Cigarra tocava perto delas. Quando uma trabalhadora escorregou sob uma casca de pão, interrompeu a música para ajudá-la a se levantar; depois voltou ao ramo, satisfeita com a pequena gentileza.



— Se descesses mais vezes, poderias ajudar a preparar o abrigo — sugeriu a Formiga.

— E quem cantaria para vocês?

A pergunta não era maldosa. A Formiga olhou para as companheiras, algumas das quais acompanhavam o ritmo com as antenas. Pela primeira vez, percebeu que não sabia responder tão depressa. Havia trabalho que se podia medir em grãos; havia também o alívio que uma canção levava a quem estava cansado. Ainda assim, nenhuma melodia, por mais bela, impediria a chegada do inverno.

Com o outono vieram os primeiros ventos frios. As folhas que antes protegiam a clareira passaram a cobrir o chão. As formigas reforçaram as paredes do abrigo e contaram

cuidadosamente o que tinham guardado. A Cigarra continuou a cantar, agora uma melodia mais lenta, como se tentasse convencer o próprio vento a demorar.



— Ainda podes recolher alguma coisa — avisou a Formiga.

— Amanhã começarei.

Mas houve um amanhã de chuva, outro de vento, e mais outro em que o chão já não oferecia o que antes parecia abundante. A Cigarra procurou alimento e encontrou pouco. Pela primeira vez, o refrão “tenho tempo” lhe soou estranho. O tempo, afinal, não lhe devia espera.

Quando a geada cobriu a relva, a Cigarra já não conseguia cantar. Tremia no galho vazio, sem alimento e sem um lugar onde se abrigar. Olhou para a entrada do formigueiro, iluminada por um fio de luz, e demorou a descer. Não temia apenas ouvir uma censura. Tinha vergonha de pedir ajuda às mesmas criaturas cujos conselhos deixara passar.



Bateu, enfim, à pequena porta.

A Formiga a reconheceu imediatamente. Atrás dela, outras companheiras observavam em silêncio.

— Não tenho o que comer — confessou a Cigarra. — E já não encontro forças para cantar.

Uma formiga mais jovem murmurou que a visitante tivera todo o verão para se preparar. A Formiga mais velha olhou para o depósito, calculou as reservas e sentiu a inquietação de quem sabe que o alimento precisa alcançar muitos. Não era uma escolha simples. Ainda assim, recuar diante daquela criatura trêmula lhe pareceu mais grave do que repartir um pouco do que haviam guardado.

— Entra — respondeu.

A passagem era estreita. A Cigarra tentou recolher as asas e passar de lado, mas ficou presa entre duas raízes. Por um instante, pensou que a porta não tivesse sido feita para ela. A Formiga chamou as companheiras; juntas, retiraram a terra endurecida e ampliaram a abertura. Só então a Cigarra conseguiu entrar.



Antes de qualquer pergunta, ofereceram-lhe alimento e um lugar aquecido. A Cigarra comeu devagar. A Formiga permaneceu por perto, sem lhe exigir promessas nem enumerar os erros do verão. Quando as forças voltaram, foi a própria visitante quem falou:

— Tinhas razão. Eu podia ter me preparado. Pensei que, por saber cantar, nada mais precisava aprender.

— E eu quase me esqueci de que a tua música também nos ajudava — respondeu a Formiga. — Mas nem o canto substitui o alimento, nem o alimento responde sozinho a tudo de que precisamos.

Naquela noite, o vento soprou com tanta força que as formiguinhas menores não conseguiam dormir. Uma delas, assustada, perguntou se o teto resistiria. A Cigarra ouviu a pergunta e, ainda rouca, ensaiou uma melodia. Primeiro, saiu apenas um fio de som; depois, sua voz ganhou firmeza. O medo não desapareceu por encanto, mas as pequenas se aquietaram. A Formiga percebeu que o abrigo, além de protegido, podia ser acolhedor.

Nos dias seguintes, a Cigarra passou a separar sementes, retirar folhas úmidas do depósito e observar como se fazia a manutenção das galerias. Trabalhava no que podia, descansava quando precisava e, ao fim da tarde, tocava para todas. Ninguém exigiu sua música como pagamento pelo socorro. O alimento recebido não era uma dívida a ser cobrada. A participação surgiu de sua vontade de pertencer e de aprender.

Também a Formiga mudou. Deixou de pensar que toda contribuição precisava ter o mesmo formato. Havia quem carregasse mais peso, quem percebesse antes uma rachadura na parede, quem acalmasse uma criança, quem soubesse ouvir. A organização do formigueiro continuava indispensável; apenas se tornara mais capaz de reconhecer diferenças.

Quando a primavera regressou, o parque voltou a receber as famílias e suas cestas. A Cigarra subiu ao ramo de sempre. Tocou a primeira canção da estação e, quando as formigas começaram a recolher os alimentos, desceu para ajudá-las. Cantou enquanto trabalhava. Não precisou abandonar a música para aprender a cuidar de si, nem deixar de cuidar de si para oferecê-la aos outros.

Na entrada do formigueiro, a terra ainda mostrava as marcas da abertura feita durante o inverno. Uma das formigas sugeriu fechá-la novamente, para que tudo voltasse ao tamanho antigo. A Formiga mais velha olhou para a Cigarra, que se aproximava carregando uma pequena semente, e respondeu:

— Deixemos assim. Pode ser que alguém ainda precise entrar.

E a porta permaneceu maior. Não porque o inverno tivesse acabado para sempre, mas porque, naquela casa, haviam aprendido a preparar o abrigo sem esquecer quem poderia chegar até ele.

Nota de origem e fundamentos

Recriação literária autoral da fábula tradicional “A Cigarra e a Formiga”, atribuída a Esopo e retomada por Jean de La Fontaine em “La Cigale et la Fourmi”, Livro I, fábula 1, de Fábulas (1668). Ao contrário do desfecho de La Fontaine, em que a formiga recusa auxílio, esta versão desenvolve o acolhimento, a responsabilidade compartilhada e o valor dos diferentes dons.

LA FONTAINE, Jean de. “La Cigale et la Fourmi”. In: Fables. Livro I, fábula 1, 1668. Obra da tradição fabulística relacionada a Esopo.

BÍBLIA. Evangelho segundo Lucas 10,25–37 (parábola do Bom Samaritano); Evangelho segundo Mateus 25,14–30 (parábola dos Talentos). Referências de inspiração, sem transcrição literal no conto.

KARDEC, Allan. O Evangelho segundo o Espiritismo. Cap. XI, item 4 (a reciprocidade no amor ao próximo); cap. XIII, item 3 (beneficência que preserva a dignidade) e item 9 (caridade material e moral); cap. XV, itens 2–3 (a caridade e o Bom Samaritano); cap. XVII, item 3 (o homem de bem); cap. XXV, item 2 (trabalho e progresso). As conexões narrativas são interpretações literárias do autor, não citações literais de Kardec.